



1964  
23 DE JUNHO  
ANO VII  
N.º 36

Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1  
Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

# ARAUTO

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta

Editor: DR. TOMAZ DA ROSA

Redactores  
Ricardo Costa, Mário Carmo  
e Carlos Frayão

Redactor Desportivo  
Humberto Amaral

Secção Publicitária  
José Decq Motta  
José Avelar Rosa

Administradores  
Luís Gonçalves  
Herberto Faria

## Lembrando a Semana de Estudos

Apesar da crise sísmica de S. Jorge ter dado ocasião a que se pusesse em dúvida a celebração da III Semana de Estudos, a Direcção do Núcleo Cultural da Horta resolveu assumir o encargo de realizá-la na nossa cidade, a não ser que a crise se complicasse. Efectivamente essa dificuldade foi vencida.

Após a ocorrência de incidentes derivados das condições do tempo que teimosamente se mostrou de má feição, ocasionando a ausência de três conferencistas, ausência essa lamentável, pois que os seus trabalhos viriam sem dúvida enriquecer e completar os restantes temas, efectuou-se nesta sempre hospitaleira cidade, — e mais uma vez provou sê-lo — a III Semana de Estudos Açorianos.

Podemos afirmar sem reticência que esta «Semana Grande», como em boa hora lhe chamou um dos nos-

sos diários, constituiu um êxito.

Êxito que se deve, não só ao esforço e dinamismo do ilustre Secretário Permanente das Semanas de Estudo, Dr. José Enes, e ao generoso e desinteressado contributo dos ilustres conferencistas, mas também à Direcção do Núcleo, às diferentes Secções por ela nomeadas, aos Amadores Teatrais e a todos os que de

Conclui na 2.ª página

## Uma poesia de Fernando Pessoa

São apenas três estrofes subordinadas ao título «O Mostrengo». Mas que riqueza elas não contêm! Quanto nos falam de bravura, coragem, heroicidade dos Portugueses.

Sugerem-nos o mesmo que o Adamastor de Camões.

Procuremos representar

## As quatro maiores poetas portuguesas

É este um assunto bastante debatido e espinhoso. Na realidade as opiniões dividem-se, facto esse bastante compreensível em virtude da subtilidade exigida para uma escolha de tal ordem, uma vez que nunca poderemos dizer que um poeta é superior a outro unicamente porque uma das suas composições é superior a todas as do outro.

Teremos, pelo contrário, de observar todas as suas obras no seu conjunto, para que nos possamos então pronunciar.

Posto isto, e mesmo perante as divergências de parecer, formulamos mais uma vez a pergunta:

— Quem são os nossos maiores poetas?

Os mais abalizados críticos são unânimes, apesar de tudo, em afirmar serem três os mestres da poesia nacional:

Camões, Antero de Quental e Fernando Pessoa.

Todos nós conhecemos Camões e a sua poesia épica evidente n'«Os Lusíadas»; assim, notemos que o que o distinguiu, foi sem dúvi-

Conclui na 2.ª página

## O ARTESANATO do Distrito da Horta

Múltiplas e variadas são as manifestações de gosto artístico nos meios rurais do Distrito da Horta.

A recente exposição de Artesanato realizada por ocasião da III Semana de Estudos provou exuberantemente esse facto.

Ali se podiam apreciar as principais características tradicionais da arte e indústrias populares.

A renda de bilros surgia magistral e branca das mãos da rendilheira cujo trabalho era acompanhado pelo tic-tac monótono e rápido dos pequenos cabos de madeira que se chocavam pela ponta.

O crochet, a renda típica sobretudo do Pico era também executada por hábeis mãos femininas. (As

Conclui na 2.ª página

a cena mais ou menos como o poeta a viu: pelo mar que parece não ter fim, navegando, uma nau que com portugueses de então corre à procura de novos mundos; nessa nau, igual a tantas outras que já haviam sulcado outros mares, vão outros portugueses, não menos valorosos que aqueles; são homens corajosos, que nada temem, que não voltam a cara ao inimigo que lhes aparece pela frente, que não retrocedem às inclemências do tempo. Dentre todos, sobressai o homem do leme.

Imaginêmo-lo: um homem corpulento e hábil, que ao primeiro olhar, nos parece de uma vontade e força invencíveis; no cuidado e atenção que lhe notamos, vemos o peso da responsabilidade que suporta; é o enviado de El-rei, o depositário da confiança de D. João II.

Conclui na 2.ª página

## Conclusão da 1.ª página

Mas lá no fundo, bem no fundo do mar, talvez no fim, como diz o poeta — o mar não tem fim — algo vem modificar a monotonia daqueles longos dias e noites intermináveis. Um vulto informe de negra côr. Sua morada, insondável caverna. Sua voz seria um uivo.

Eis que, no meio da noite escura espera a nau portuguesa que entra nos seus domínios, domínios horrendos, como horrendo era o seu senhor. E, como gigante que era, não precisava de guardas! Ele próprio os defendia. Ao avistar a nau que se aproximava, levantou voo lento, cadenciado, inquiridor, terrível. Atreveram-se a invadir os meus domínios?! Quem será que tem a ousadia? Que motivos os trouxeram a estas paragens? Atraver-se-ão porventura? Impossível! Mas a nau continuava a avançar. Apercebeu-se que era verdade: a nau tinha entrado nas suas cavernas!

Foi então que o Mostrengo irrompeu com tamanha fúria, qual tempestade no mar enfurecido: quem se atreve?

Perante o imprevisto, só o homem do leme lhe poderia responder: «El-rei D. João II». Foi a tremer que o disse. O Mostrengo, mais carrancudo, mais tenebroso, mais ameaçador, irado, irrompeu de novo: — Mas quem ousa tocar-me? Quem ousa querer ultrapassar o meu poder? Quem? Quem será o louco que a tal se atreve? E eu a julgar que jamais

## "... Almas Cativas"

Dado o valor da obra do nosso poeta Roberto de Mesquita, o «Arauto» de colaboração com o Núcleo Cultural da Horta, vai proceder à reedição das «... Almas Cativas».

Tendo já sido pedidas as devidas autorizações, o «Arauto» inicia hoje a publicação, dando assim aos estudantes a possibilidade de coleccionar as poesias para uma brochura, quando a reedição esteja concluída.

aqui me pudessem descobrir?! Vamos, quem foi?

— Pela segunda vez, o bravo homem do leme, se bem que a tremer, responde: «El-rei D. João II! O seu nervosismo atinge o máximo. Tremeu três vezes, três vezes soltou o leme da mão. Mas de cada uma das vezes o segurou ainda com mais força. Então, por fim reuniu todas as suas forças que ainda lhe restavam e desta maneira se dirigiu ao Mostrengo ameaçador: — Sou mais forte do que tu! Represento um povo maior do que tu!

Possuo uma alma que não receia as tuas trevas! Tenho uma vontade que supera a tua resistência, a vontade do meu rei D. João II, a vontade de um português, a vontade de um povo que não foge diante do perigo.

Nesta altura a nau já tinha passado.

Hoje como outrora o povo português tem revelado a sua coragem e persistência perante novos Mostrengos, ou novos Adamastores.

Maria Luisa Lemos de Oliveira  
3.º Ano B

## Lembrando...

### Conclusão da 1.ª página

qualquer forma colaboraram para levar a bom termo a realização de um dos maiores acontecimentos da história da nossa terra.

Quanto à parte financeira destaca-se o valioso subsídio da Gulbenkian.

Perante a importância de um tal acontecimento que se reveste do mais alto interesse para a solução de problemas respeitantes às nossas ilhas, não podíamos, nós os estudantes, ficar indiferentes; e na realidade não foi essa a nossa atitude dada a circunstância de que, a nossa presença foi constantemente marcada no decorrer de toda a Semana, o que demonstra que os novos, tendo plena consciência dos numerosos problemas que afectam a nossa vida insular, também desejam «mais saber para melhor viver».

## Conclusão da 1.ª página

raparigas do Pico costumam fazê-la sentadas perto da janela e quantas vezes vemos o crochet enfeitando a casa em cortinas, toalhas e naperons ou atenuando a monotonia das roupas interiores terminando bainhas e emoldurando decotes).

O fillet, os bordados de palha do Faial e os bordados à agulha também so-

## DOS NOSSOS CENTROS

### Curso de Chefes de Quina

No dia 30 de Abril terminou mais um curso de Chefes de Quina que teve a seguinte classificação:

MUITO APTOS — Fernando Magalhães Gonçalves e Sidónio Manuel.

APTOS — Sérgio Machado Soares, Fernando Manuel Menezes, Aristides Magalhães Taborda, João Armando Macedo, José André F. da Terra, Estanislau Dias Avelar, Rui Manuel Vieira, Augusto Medeiros e Luis Alberto Vieira.

Aos novos chefes de Quina, as nossas felicitações.

### Provas de Campo

No mês de Abril e pela primeira vez na Divisão da Horta, realizaram-se duas provas de campo nas quais tomaram parte cerca de setenta filiados do C. E. I. e alguns filiados do C. I. M. 26.

A's Quinas vencedoras das provas serão atribuídos diplomas.

### Acampamento da Páscoa

Devido ao mau tempo não foi possível a realização deste acampamento, o qual, depois de requerida autorização, será efectuado durante as Férias Grandes.

### Sargento Fernando Dutra

No dia 2 do corrente no Restaurante Capitólio, filiados do C. E. I. e do C. I. M. 26, ofereceram um jantar de despedida ao instrutor dos mesmos centros, que no Carvalho Araújo seguiu para o Ultramar.

Ao Sr. Fernando Dutra desejamos as maiores felicidades.

bretudo do Faial eram autênticos prodígios em que o carácter prático ia a par com a arte.

Mas se um artista quisesse representar o realismo da arte rústica, ali encontrava a tecedeira imprimindo ao tear um cadenciado quase igual para juntar os fios multicores que iriam transformar-se nos grossos «coberjões» que se estendiam pelas paredes.

Da roca e do fuso que a fiandeira fazia girar, viamos sair o grosso fio de lã que depois aparecia em meias e camisolas.

E, como a completar este vestuário rústico e aldeão, lá estavam os chapéus de palha, indústria quase limitada aos Cedros mas anteriormente florescente na fronteira do Pico e ainda hoje em St.ª Luzia.

Depois os trabalhos de miolo de figueira davam-nos a impressão de irmos passando através dum país nórdico. Eram as casas, os moinhos, os barcos que nos apareciam brancos, dum pureza imaculada.

Por fim o homem, embelezando os mil nadas graciosos em que a mulher punha toda a sua habilidade, oferecia-nos os trabalhos de osso de baleia (feitos sobretudo no Pico). Apareciam então os cinzeiros, as jarras, bugigangas e ornatos que o torno tinha perfurado e a mão do artífice amaceado.

Assim, ante nossos olhos admirados, depararam-se-nos os magníficos espécimes do Artesanato.

Eles são autênticos produtos do génio popular e aparecem-nos como que a marcar uma continuidade nas artes e indústrias do povo que o industrialismo não pôde ainda aniquilar.

Maria Isabel Goulart  
6.º Ano B

Sabiam que o M. M. ultimamente se tem dedicado a actividades relacionadas com a química vinícola?... E' verdade!

Para ele «ser esperto ou não ser, eis a questão», mas desta vez: «Mais um copo ou menos um copo foi a questão»...

V. S.<sup>o</sup> deseja visitar a Caldeira,  
a Espalamaca ou o Vulcão,  
dar a volta à ilha, um pas-  
seio turístico ou um simples  
serviço utilitário?

Não hesite em telefonar para o 67  
e terá a qualquer hora  
veículos "Mercedes-Benz"  
e "Peugeots"

À SUA INTEIRA  
DISPOSIÇÃO

não esqueça,  
chame seis sete

Linhas DMC

*Café Moccona sem cafeína*

TODDY

Farinhas alimentícias Casilan, Farex e Complan

*Companhia de Seguros Garantia*

MOSAICOS

*Encontra V. Ex." no Agente*

**I. ÁVILA DE MENEZES**

Largo do Bispo, 14

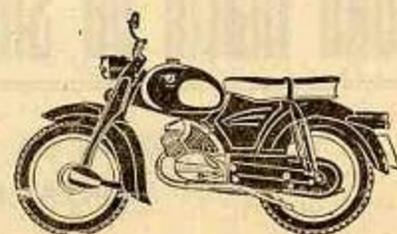
HORTA

**ZÜNDAPP**

Já chegou a 30.<sup>o</sup> remessa de bicicletas motorizadas

**Zündapp Falconete** Modelo KS 50

com 4 velocidades, mudança de pé, arranque por pedal (Kickstarter)  
pneus super-balão 21x2.83, assento corrido, porta-bagagem cromado



e já chegaram

*Motociclos*

**Zündapp**

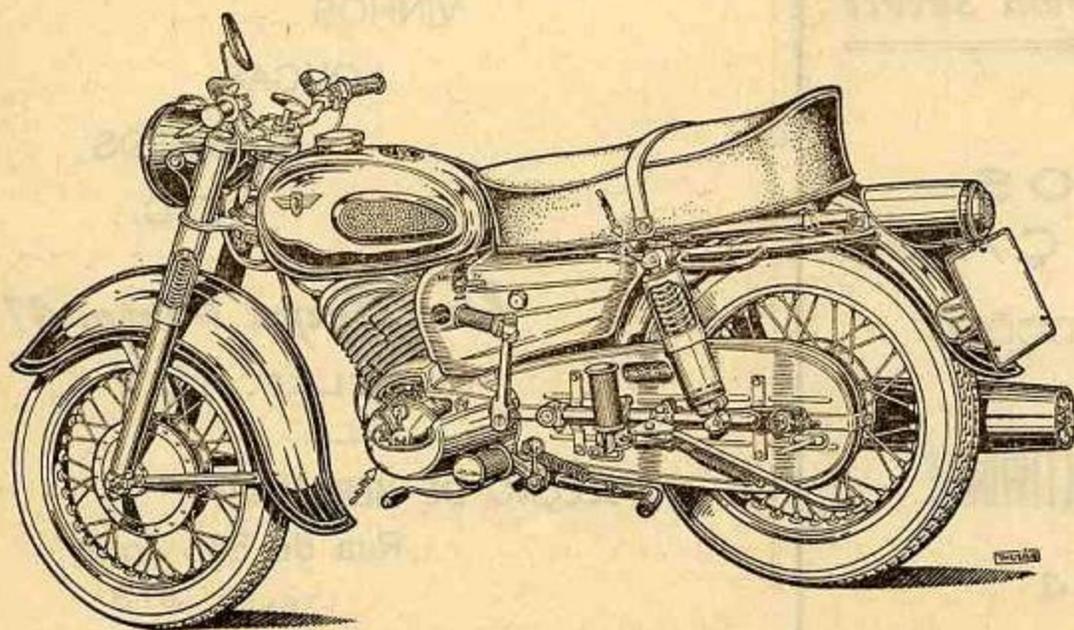
TROPHY - S 175

e TROPHY - S 250

de 165 e 25 cm<sup>3</sup>

únicos com arranques eléctricos!

*Karl-Heinz Grötzner*



# CASA POLACA

TELEFONE 342

*de Antónia Veríssimo Pereira*

Rua Conselheiro Medeiros, 27

FAZENDAS, MIUDEZAS E BIJUTERIAS

ONTEM, HOJE E SEMPRE

a Casa que mais barato vende

*Na Secção de Papelaria*

DA FIRMA

## Manuel Alexandre da Silva

(HERDEIROS)

RUA WALTER BENSÁUDE, 10

Encontrará todo o material da especialidade, bem como louças finas, brinquedos, etc.

# Café Europa

Depois do seu almoço  
ou jantar prefira

*o Café do Europa*

LARGO DA REPÚBLICA

# COR

QUALIDADE

BELEZA DURADOURA

só com

## Robiallac

Agentes Distribuidores no Distrito

Júlio Dutra d'Andrade & Macedo, Lda.

## *Casa das Casimiras*

### João Inácio da Silva, Filhos, L.<sup>da</sup>

LARGO DA MATRIZ

HORTA - FAIAL

*Símbolo de bem servir*

MODAS

LANIFÍCIOS

CALÇADO

SECÇÃO DE CONFECÇÕES

— MAIS DE 50 ANOS DE ACTIVIDADE —

TELEFONE 74

## Casa

### Casimira Gonçalves

com

SECÇÃO DE TALHO

CEREAIS

VINHOS

LOUÇAS

ALUMÍNIOS

ETC.

*Rua Serpa Pinto, 41*

TELEF. 187

SECÇÃO DE MERCEARIA

Rua de São João

TELEF. 313

## Livraria de 'O Telégrafo'

Grande variedade de Toucas para banho

Rolhas «Propper» uma rolha  
que serve para qualquer garrafa

Artigos Liceais  
Albuns, etc.

## Casa Leão

DE  
José Pedro da Rosa

Cereais  
Artigos de Merceria  
Vinhos  
Etc.

## Sapataria Lecoq

A sapataria  
que mais  
barato  
trabalha

## Merceria Pereina

LOUÇAS

PLÁSTICOS

VINHOS, ETC.

*Prove o Café desta Casa*

Calções de Banho  
Panamás  
e  
Chapéus para Praia

à venda na

## Casa Arruda

HORTA

## Material Escolar



Papelaria  
do

## Carneia da Horta

## General Electric

uma marca  
que dispensa propaganda

AGENTE OFICIAL

### António Gonçalves da Rosa

LARGO DA MATRIZ

TELEF. 214

## Merceria Lisbonense

PLÁSTICOS

ALUMÍNIOS

VIDROS

VINHOS

ETC.

Os Sorvetes desta Casa  
são os mais apreciados pela malta

# Ourivesaria *Olimpia*

TELEFONE 311

COMPLETO SORTIDO DE ARTIGOS DE OURIVESARIA

Agente oficial dos relógios

OMEGA  
TISSOT  
CERTINA

# *Pastelaria Lusa*

Nesta Pastelaria além de todas as bebidas e dos afamados cachorros, a malta tem à sua disposição o tão conhecido ambiente familiar...

e não esqueça o  
«CAFÉ DA LUSA»  
ótimo rebatente...

# *Manuel Augusto da Silva*

antigo empregado do Café Volga

abriu na Rua Vasco da Gama  
uma requintada mercearia

Visite esta casa  
e será bem servido.

# CASA NOVI

*Uma casa nova que se impõe  
pelos seus artigos  
e seus baixos preços*

*Petiscos...*

*Mariscos...*

*e bom vinho*

*só na*

# *Casa Faial* *(Casta)*

CANTO DE D. JOANA

Preços

sem

concorrência

Com as afamadas Linhas

«D. M. C.»

tem V. Ex.º o problema de Bordados, Rendas e Crivo resolvido encontrando todos os artigos nos estabelecimentos da cidade

O Agente - Depositário  
no Distrito

# I. ÁVICA DE MENEZES

LARGO DO BISPO, 14  
HORTA - FAIAL

10% de desconto

# a JASSIG

oferece aos estudantes  
em todos os artigos.

CANETAS  
ESFEROGRÁFICAS  
ETC.

## DISCOS

as últimas novidades

Reviva o seu tempo de ESTUDANTE com:

## INSTAMATIC

"50"

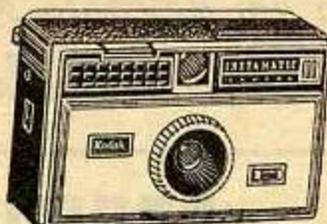


246\$ s/ I. C.

Flash vendido  
separadamente  
(87\$00)

OU

"100"



c/ Flash  
incorporado

468\$

em casa ou no campo fazem:

12

diapositivos a cores  
Fotos 9x9 cm. a cores  
Fotos 9x9 cm. a preto e branco.

À VENDA NA  
GALERIA FOTOGRÁFICA

*José Goulart*

Rua Ernesto Rebelo, 9 — Tel. 455 — HORTA

Café-Restaurante

# a Lima

a casa que melhor serve

Não hesite!

Dirija os seus passos à mercearia

## OTHON AMARAL

o mais completo sortido  
de Mercearia Fina

TEL. 139

# PHILIPS

apresenta

12 modelos

totalmente transistorizados

a pronto e a prestações

## DISCOS

ÚLTIMAS NOVIDADES

Fogões a gaz «JUNIOR»

7 MODELOS

AGENTES - OFICIAIS

FRANCISCO J. CAMPOS, L.<sup>DA</sup>

ALFAIATARIA

**Rodrigues**

DE

Francisco Augusto de Azevedo

Executam-se  
todos os trabalhos  
para homem  
e criança

**Os Soares**

ao serviço de V. Ex.<sup>as</sup>

1 OPEL,  
1 MERCEDES.

GENTILEZA!  
RAPIDEZ!  
CONFORTO!

TELEFONE 213

Confie a execução  
dos seus trabalhos  
fotográficos

À

**Foto  
Azul**

RUA WALTER Bensaúde

Quem tem tino  
chama pelo

**Celestino**

TELEFONE 257

**Foto Jovial**

TELEFONE 56

Serviços de reportagem  
Trabalhos para amadores  
Completo sortido de todos  
os artigos para fotografias

Preferir a JOVIAL

é ter a certeza de ser bem servido

**Cunha Leite**

Recebe e expõe  
altas qualidades

em  
CONFECÇÕES  
SAPATARIA  
e CAMISARIA

**Padaria**

**Açoreana**

DE

**José Peixoto de A'vila & C.a**

Fabrico e distribuição de pão  
Artigos de Mercaria

Vinhos

Cervejaria

**Padaria Açoriana**

Praça da Infante

**Hortex**

Grande sortido de malhas,  
Rústicos e Ráfias

com um desconto de 10%  
para estudantes

**MERCEARIA FAVORITA**

MINHA SENHORA:

Se comprar na Favorita  
economiza e fica rica

pois nela encontrará o melhor  
sortido pelos mais baixos preços

RUA CONSELHEIRO MEDEIROS

Conclusão da 2.ª página

da alguma, a originalidade e grandeza como épico e lírico. Na expressão do amor humano, bem poucos sentiram como ele o que há de inefável no amor. Os seus versos líricos traduzem-nos aquilo que sempre prevalecerá no espírito do homem, principalmente no sentir da gente portuguesa.

São estas qualidades que nos permitem classificá-lo como «O Príncipe dos poetas portugueses». E no sector épico immortalizou-se apresentando ao mundo uma obra que levou ao seu conhecimento todas as facetas das árduas e arriscadas empresas levadas a cabo pelos portugueses de alguns séculos atrás. Na grande visão universal do mundo e do homem que «Os Lusíadas» documentam, lampeja de facto um génio excepcional. Mas é também, repita-se, o lirismo belo e arcaico que encontramos em quase todos os seus sonetos que, o tornam um poeta de tão notável valor.

Quanto a Antero de Quental, outro génio da nossa poesia, basta que olhemos para os seus sonetos «Na Mão de Deus», «Palácio da Ventura» e «Mors-Amor», para que concluamos não ser impunemente que o situam em segundo plano na literatura portuguesa. Todo o açoriano que se preze, deve saber que este poeta também açoriano, nos dá a honra de ocupar um lugar de destacado relevo e projecção nas letras nacionais.

Recorramos ao exame atento das suas obras e verificaremos que todas elas primam por uma originalidade sem par, característica essa, aliás, comum a quase todos os grandes poetas. Assim, registariamos ainda que também Antero soube dar às suas poesias, principalmente aos sonetos, um cunho profundamente humano, mas sob um aspecto diferente do de Camões: a ânsia humana, a luta, o desejo de perfeição, a corrida incessável para um fim, que ele considera o início da verdadeira ventura: a Eternidade.

Enfim, talvez nenhum poeta tenha lançado aos versos a angústia humana com o ardor e a intensidade da poesia Anteriana.

Segue-se Fernando Pessoa que podemos considerar um continuador de Camões, não propriamente como épico, mas por ter concebido uma interpretação lírica da nossa epopeia.

A sua visão profunda e cheia de emotividade assombra-nos por vezes como na «Ode Marítima», na qual consegue reunir todos os pensamentos e impressões causadas pela presença da vastidão oceânica. Cultivou ainda outros géneros de poesia dos quais sobressai aquele em que procurou sentir a vida moderna. Não incorremos pois num erro, apelidando-o de «o poeta do progresso».

De facto, sob o heterónimo de Álvaro Campos—engenheiro—Fernando Pessoa apresenta uma série de poemas que focam a vida actual nos seus múltiplos aspectos: a subida constante dos arranha-céus, a energia e actividade predominante, a corrida do progresso, a febre de invenção. Tem ainda outros heterónimos como Alberto Caeiro—poeta da Natureza e Ricardo Reis, o poeta que tenta adaptar à sensibilidade moderna o espírito e a forma de Horácio.

Na epopeia encontramos todas as suas qualidades de lírico, evidentes em «A Mensagem».

Falamos agora de outro poeta contemporâneo que tem suscitado as mais vivas discussões: Teixeira de Pascoais, que segundo uns será superior a alguns do citado grupo, e que, segundo outros poderá constituir um à parte, colocando-se em quarto lugar.

Mas não podemos deixar de admirar as suas poesias que além do mais são originalíssimas. É que, Teixeira de Pascoais revela-se criador num tema não só difícil, como ainda do agrado geral dos Portugueses: a saudade, essa palavra com um significado tão especial e complexo na nossa língua. São com efeito notáveis as suas poesias,

NOCTURNO

E' noite...  
As estrelas,  
Puras gemas  
Em veludo negro,  
Cintilam no céu...  
A Lua de prata,  
Que ontem brilhou,  
Em praias distantes,  
De ilhas de sonho,  
Sua luz deixou...  
Tudo é calma...  
A natureza dorme...  
Notas caídas,  
Da suave balada  
De ondas na praia,  
Vêm até mim,  
No perfume das flores...  
Muralhas negras...  
Luzes dum barco...  
Espuma branca  
Em praias escuras...  
Quatro palmeiras,  
Mensagem dos trópicos  
Recortam-se,  
Confusas,  
No céu de breu...  
A brisa, nas folhas,  
Toca em surdina  
Doce melodia...  
Morrem as sombras  
E a poesia...  
Acaba a noite...  
Começa o dia...

YANN

No teu barco ao vento  
Sopram chamas de vida.  
Chamas-me. E eu perdida.  
Vou correndo ao teu encontro...  
Porque terá a tua voz  
O dom da flauta mágica?  
(Suave—e mais potente—por mim  
Em ecos passa...  
...e eu não sei nunca, se vai  
Se vem, se afinal tudo é farsal...)  
O teu barco palpita algures  
Mas sem pressa...  
Vira-te peço, com horizontes ru-  
bros!  
Sacia-me a sede do teu sonho,  
Leva-me pela mão à Aventural  
Porque eu só quero ir  
Para conhecer os castelos de  
nuvens  
E encher de luz a minha noite  
escura!  
Silvia

apresentando-nos também um outro aspecto original: a condensação no homem português dos sentimentos universais — «Sombras», uma obra como «Sombras», é dum poeta excepcional.

Em conclusão: serão estes os quatro maiores poetas portugueses, pela sua originalidade e profundidade? A maior parte dos críticos assim o pensam.

Carlos Frayão

ALMA

Penso,  
Que outro sou.  
Que dentro de mim  
Algo diferente existe.  
Mas quem?  
Um ser liberto,  
Que encarna todas as fantasias  
Da minha juvente.  
Quem?  
\*  
Sonho,  
E vejo outro eu.  
O outro ser.  
Que rapidamente se transforma,  
Nos seres da minha imaginação.  
Um pobre, um rico.  
Um jovem, um velho,  
Enfim,  
Todas as personagens.  
Todos os seres  
Que existem sobre a terra.  
\*  
Assim imaginando,  
Assim clamando,  
Julgo chegar ao fim.  
A uma ideia,  
A um pensamento;  
Que me lembra  
Deus.

ASFER

RELÓGIO

Tem-te, aparelho ignóbil.  
Não marques mais o tempo,  
Não marques mais horas.  
Deixa correr livre a vida.  
Relógio,  
Não batas mais,  
Tem-te, para sempre,  
Deixa de trabalhar.  
Mas,  
Deixa trabalhar  
O Mundo.

ASFER

São assim os Estudantes...

Intercâmbio Insular

Dois semanistas súbitamente interessados por problemas de técnica da construção civil, (influências do ambiente) resolvem discutir os ditos problemas *in loco*.

Foi assim que, dada a proximidade do *loco* se dirigiram para o novo edifício do Liceu, mesmo à hora pouco cómoda, mas quando há «amor à arte» não há obstáculos (nem mesmo os calhaus que por lá havia pelo chão e onde os «técnicos» podiam dar alguma topada).

Quanto aos resultados dos trabalhos nada sabemos é claro, estamos convencidos que foram muito rendosos e sobretudo terão contribuído para um mais profundo conhecimento do assunto...

# São assim os Estudantes...

## OS DEZ MANDAMENTOS

### da bom estudante

Publicamos hoje os 10 Mandamentos do bom estudante já publicados no 1.º número do «Arauto». É uma necessidade que se impunha. Além disso foram revistos 5%, aumentados 10%, actualizados 5% e aldrabados 80%.

1.º — O Bom estudante não se deixa levar pelo que lhe dizem os professores. Nunca fiando...

2.º — O Bom estudante considera sempre a sala de aula como o seu quarto de cama, e a carteira como o seu travesseiro. (Cuidado com os parafusos deslocados!)

3.º — O Bom estudante faz aviões e barcos com os cadernos diários. Não esquecer que os livros em segunda mão também têm o seu valor...

4.º — O Bom estudante estuda pouco e passeia muito. Deve também frequentar as tertulias da «Lusa» e do «Volga» como complemento cultural.

5.º — O Bom estudante folga muito durante o ano para que no fim não o passe, pois isto constitui uma contrariedade.

6.º — O Bom estudante «chumba» vários anos a fim de ficar conhecedor da matéria. Três é quanto basta...

7.º — O Bom estudante vai para as aulas descansar para assim aproveitar o dinheirinho das propinas.

8.º — O Bom estudante tem por dever e sobretudo direito, meter nos eixos o respectivo encarregado de educação. (É uma medida simplesmente preventiva).

9.º — O Bom estudante deve faltar regularmente às aulas para não ficar a dever nada ao estado. Pois claro... seria ingratição...

10.º — O Bom estudante aspira sempre à nobre profissão de polidor de calçada. Deve assim contribuir para o movimento cidadão e desenvolvimento turístico.

## Crónica Geral do 6.º Ano

### Alínea F

Este ano não sei porquê  
No liceu cá da cidade  
De tudo existe e se vê  
Mesmo sem curiosidade.

E sem nada exagerar,  
A f) do sexto ano  
Faz toda a gente pasmar,  
Creiam nisto, não me enganol

São só uns vinte talvez,  
Os alunos colossais...  
Bons, bons só uns dois ou três,  
Mas todos são animais.

E' claro que refiro  
Aqueles com raciocínio,  
Mas mesmo aqueles sem ele  
Estão a tirar tirocinio.

Mas para encurtar razões  
E não estar com mais delongas  
Vou contar aos meus amigos  
Suas histórias bem longas,

Sou pessoa delicada  
E por tal bem conhecido,  
Falo primeiro das meninas,  
Não acham que sou sabido?!

Temos em primeiro lugar,  
Gorda, de óculos, lá está ela!  
A nossa melhor aluna  
E calada a Manuela.

Em seguida, vamos lá!  
As Fátimas, mas que contraste!  
Uma boa, outra má  
Embora nada as afaste.

Porém, de quem a Ferreira  
Mais amiga, que nenhuma,  
É da Luna, prazenteira,  
Que faz castelos de espumal

Mas enfim quem não os faz!  
Pois se até a nossa Marta  
Ao fazer os seus castelos  
Estuda, estuda que se farta!

E' claro que o resultado,  
E' nulo todos sabemos  
Mas se fala, ai Jesus!,  
Aturá-la é o que nós temos.

E p'ra o ramo terminar  
Destas flores de cores galantes  
Falta-me falar da Isaura  
E da Alda, também estudantes.

A Isaura coitadita  
Boa, modesta a estudar  
E' uma colega catita  
P'rá gente poder estimar.

Mas a Alda, Deus nos valha!  
Embora aluna de jeito  
Por ser um pouco vaidosa  
Passa altiva e com um jeito,

Que eu porque sou bom rapaz  
É amigo de toda a gente  
Se ela fosse mais modesta  
Ficava bem mais contente.

E a tropa dos masculinos?  
Isso sim, isso é de estalol!  
A mim conhecem-me já  
Por isso de mim não falo.

Temos o gordo Francisco  
Estudante tipo ficheiro,  
O filósofo Macedo  
E o Pimentel trombeteiro.

E o nosso melhor aluno?  
A discutir, sim ou não?  
Nada de vir desmentir  
E' o bom Sebastião.

Mas como a vida é assim  
E tudo tem um senão  
O Hermínio caladinho  
E' um grande molengão.

E o «titá», bebé fininho  
Dois palmos, não terá mais!  
Enquanto o nosso Quaresma,  
Tem brincadeiras brutais!

A f) não está completa  
Se o Menezes não estiver  
Com seu sotaque esquisito  
E tecer é o que ele quer.

Porém galã a valer  
E p'ra provocar risota  
O Pinto que é cabulão  
Em tempos já fez batota

Mas lindo, lindo sem par  
Não temos na nossa terra  
Só o Miguel bonitão  
Se o meu calculo não erra.

E eis aqui meus amigos  
O que sei sobre vocês  
A maior parte não presta  
Bons, bons, só uns dois ou três.

### Alínea g

Nesta alínea pequenina  
De três alunos apenas  
Do que nós temos mais falta  
E' de mais umas pequenas

A Clotilde, muito loira,  
Sempre a trincar reбуçados.  
Nem sabemos se é colega  
Porque anda em todos os lados.

E' da f), é da g)  
E' da c), de todas elas  
Porém nem sei de qual seja  
Se às vezes dá às canelas.

Só o Fernando e o Rubim  
Dois tipos bem diferentes—  
São alunos e colegas  
Que às aulas estão presentes.

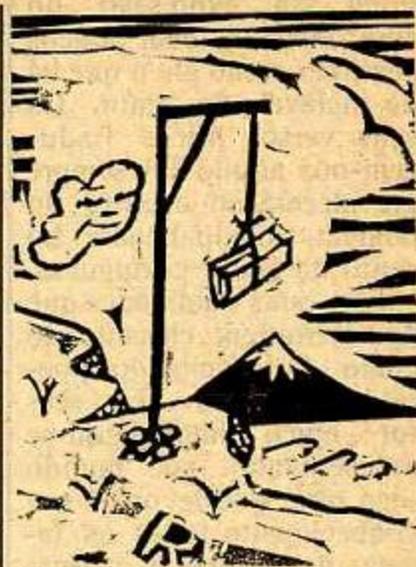
O Fernando na paródia  
Brinca que é mesmo um consolo  
Porém o nosso Rubim  
E' campónio e é parolo.

### Alínea c

Mais pequena afinal  
E' a c), podem estar certos:  
Só tem duas meninas,  
Os rapazes estão desertos.

Cristina e Aldina  
Sempre à tramela a falar  
P'ra não cansar muito o peito  
Vão estudando devagar.

Por isso a nossa Aldina  
Que é boa, mas é pedante  
Para não perder o jeito  
Tem profissão de estudante.



Os carrascos também morrem...

### Fintas e mais fintas

Há um menino do 7.º Ano, que ao chegar à Lusa e havendo uma mesa com meninas, executa todas as manobras possíveis e imaginárias para se juntar a elas e assim receber um pouco de amparo moral de que, é claro, necessita.

Senta-te logo à primeira rapaz!

A malta compreende o teu desgosto...

Ver-mo-nos sem esperança... é mesmo de desesperar...

### Alínea h

O Manuel p'ra ser diferente  
Vai estudando se calhar...  
Acontece a certa gente  
Que não gosta de estudar.

Mas na alínea do Manel  
E' ele o melhor de todos  
Pois, como estuda sózinho  
Sabe as lições sempre a rodos

Isto diz ele, já se vê  
E eu não sou de confusões  
Porque se vissem as notas  
Até tinham aflições.

Há «tipos» de toda a raça  
Nesta vida, podem crer,  
Que julgam, mas sem ter graça  
Que a gente os tem que sofrer.

E' o caso do Bettencourt  
Da triste turma de Letras  
Esquecido a meu ver  
Que quem diz letras, diz tretas.

Se querem homens de génio  
E progresso neste mundo  
Procurem nos de Ciências  
Em que o saber é profundo

E deixem-se de teorias  
E de conversa fiada  
Pois o «galo da vizinha»  
Só canta e não faz mais nada.

José Fernando Ávila  
6.º Ano F

# A ALMA DAS COISAS

# UNIVERSALIDADE

## I

Pensais que os ermos jazem em repouso  
e são uns cemitérios desolados,  
e que as coisas, assim como os finados,  
permanecem num sono tenebroso?

Não! as florestas de cerrada frança,  
quando as cruza o tropel louco dos ventos,  
soltam um mesto còro de lamentos  
em que se afligem almas sem esp'rança...

No outono, quando o campo está doente,  
à vibração suave das trindades,  
passa à tona das coisas, vagamente,  
uma tribo de anónimas saudades...

Quando as vozes da vida desfalecem  
e a paz é triste e vasta como um mar,  
cheia de graça, a lua vem falar  
aos corações eleitos que a conhecem.

## II

Enquanto se detém o vosso olhar  
à tona dos aspectos, impotente,  
no âmago de tudo, claramente,  
eu descubro um espírito a cismar.

Deleita-se a minha alma a respirar  
os afectos das coisas: a dolente  
nostalgia dum cerro olhando o mar,  
a oração das paisagens ao morrente....

Sim, eu respiro como essência estranha  
a orfandade que exala uma montanha  
quando o outono a junca de destroços.

E esses casais, dispersos pelo monte,  
sinto-os pensar, cravando no horizonte  
os seus olhos humanos como os nossos.

## RUÍNAS

Como sois tristes, casas derrocadas,  
com vegetais daninhos por mobílias,  
esquecidas de todos, desoladas,  
sem o vivo bulício das famílias!

Enquanto os transeuntes vos encaram  
como coisas inertes e banais,  
com que amarga saudade vós cismais  
nos que em remotos dias vos amaram!

No vosso seio, esqueletos carcomidos,  
como um velho doente e olvidado,  
geme asilada a alma do Passado,  
mas raros são os que ouvem seus gemidos.

## GETESEMANI

Por esta noite de céu baço e sem luar  
a alma das coisas é viúva e taciturna.  
Nada na opressiva estagnação nocturna  
um sofrimento esparso, um avulso pesar...

Que profunda tristeza o Imóvel acomete  
sob este céu de chumbo! Eu sinto suspirar  
e julgo ouvir-lhe a voz dorida murmurar:  
«Minha alma está desamparada no Olivete»!

Deserto todo o burgo. Eu divago através  
de quelhas negras, duma tétrica mudez,  
sob o agoiro dos céus cinzentos e pesados,

a alma afogada na maré da desesp'rança  
anónima, que inunda a noite bruna e mansa  
e me oprime como os sinos a finados...

## ALVORADA SATURNIANA

Livido amanhecer, lufadas agressivas  
batem os canaviais e os álamos da estrada.  
Que bilioso o acordar das perspectivas  
por esta macilenta e gélida alvorada!

A paisagem, que empana um véu cinzento e baço,  
ressuma na manhã irregelada e má  
o fastio da vida, o mórbido cansaço  
dum velho coração que nada espera já.

De quando em quando ulula um próximo pinhal  
sob a nortada agreste, em lamentosa reza  
em que se aflige a desesperança universal...

Dir-se-á senil e enferma a alma da natureza,  
por este amargo abrir de fusco dia hiemal,  
duma desconsolada e anémica tristeza...

## TARDE ENFERMA

Folhas mortas, Outubro, um vago adeus no ar...  
Tarde límpida após um dia pluvioso.  
Vão almas para o exílio, e lenços a acenar  
neste ocaso outonal, doente e langoroso.

Na tarde toda combalida de chorar  
solta uma flauta os seus lamentos de veludo,  
que parecem brotar do íntimo de tudo...  
Dir-se-á o coração do outono a suspirar.

E no fanar da luz, no toque das trindades  
treme um rondó de despedidas e saudades...  
O azul duma expressão sonhadora e serena

olha a paisagem outonal saudosamente,  
e tão magoado, tão nostálgico e dolente  
que parece também um suspirar de avena...

## SÁBADOS

A doce alma dos sábados rurais  
afagando as aldeias pela tarde,  
na hora em que fumegam os casais  
e o fulvo ocaso em vivas chamas arde!

Anunciativos, sob o azul docel,  
cantam sinos na tarde que descora.  
Lembram a voz do anjo Gabriel  
quando foi visitar Nossa Senhora.

Sábado ao pôr do sol... Com que doçura  
o seu celeste afago tudo embala!  
Dir-se-á que o próprio campo se satura  
da bem-aventurança que ele exala...

## AR DE DIA SANTO

Sinto o domingo no ar  
da flava manhã de Abril,  
como uma essência subtil  
que tudo vem perfumar.

Vibrante, na manhã de oiro  
canta um sino festival.  
Vem deste domingo loiro  
não sei que eflúvio pascal...

E as encostas que eu distingo  
além, o prado florido,  
tudo me parece unguido  
dum não sei quê de domingo ..

## TARDE MÍSTICA

A noite mais e mais a cada instante  
vai afogando os longes esfumados;  
já uma estrêla ou outra, vacilante,  
lantejoula os espaços anilados.

Sobem rezas da messe marulhante.  
Um aroma de matos e de prados  
voga na tarde como a alma errante  
dos vegetais, sonhando, extasiados.

A magia indizível do morrente  
unge tudo de sonho... Na amplidão  
desmaia a voz da vida lentamente.

Duma saudosa e fina vibração  
morre no ar um *angelus* plangente:  
parece a voz da tarde em oração...

## TARDE SONHADORA

Expira a tarde ; o mar entorpecido  
tem um canto monótono que embala,  
um como que nostálgico gemido  
que do Ausente, do Além me fala...

Desmaia o horizonte elanguescido,  
com frouxos tons de pérola e de opala,  
neste esvaír de luz que doce exala  
um mágico amavio indefinido...

E eu sinto errar na tarde de veludo  
uma alma que medita, esparsa em tudo,  
um ser espiritual que não descubro.

É um ser feminino, num sonho imerso,  
que, como vago aroma, anda disperso  
nesta tarde meiguíssima de Outubro...

## OLHANDO OS LONGES

Aplacou-se o ardor do dia tropical,  
é a tarde dormente um veludoso afago.  
Sob o lento fanar do oiro vespéral  
dorme espelhado o mar como um imenso lago.

Recortados no céu vermelho do poente  
dois pinheiros num lombo avultam isolados  
e parecem olhar os longes, vagamente,  
do mágico esplendor da tarde deslumbrados...

Ao vê-los lá no alto extáticos, dir-se-ia  
que as almas lhes penetra essa melancolia  
que vem no fim da tarde ungir a imensidade.

Eu creio que os absorve um sonho indefinido,  
que eles cismam, fitando o mar de aço polido  
e um vago *para além* relembram com saudade...

## RONDÓ DO OUTONO

Por este Outubro mórbido e fanado  
a minha alma respira uma elegia  
no ar do campo, ao desbotar do dia,  
quando adormece o sol esbraseado.

A mágoa dum poeta desterrado  
suspira errante na nortada fria.  
Por este Outubro mórbido e fanado  
a minha alma respira uma elegia...

Voga um pungente adeus no entardecer...  
E o velho Jeremias vem gemer  
no ramalhar do bosque desfolhado.

Oh, essa alma que chora o seu desgosto  
no íntimo das coisas, ao sol posto,  
por este Outubro mórbido e fanado!

# RELICÁRIOS

## I

Num salão dum palácio antigo e imponente,  
nobre solar feudal, hoje sem moradores,  
dormem ao longo das paredes, gravemente,  
telas representando os defuntos senhores;

e, companheira dos retratos de família,  
na grande sala abandonada e esquecida,  
com seu ar medieval e augusto, a mobília  
absorve-se a sonhar com uma idade abolida...

Daquelas coisas do passado ainda se eleva  
um vago não sei quê de recepção medieva,  
como que a essência dos saraus da meia idade...

E eu sinto o coração exilado e oprimido  
nesse fragmento doutro tempo aí retido,  
nessa solene estagnação de antiguidade...